

(RE)VISÃO COMO FORMA DE (RE)EXISTÊNCIA EM *ABENG* E *NO TELEPHONE TO HEAVEN*, DE MICHELLE CLIFF

Juliana Pimenta ATTIE*

- **RESUMO:** O resgate de histórias silenciadas pelo discurso colonialista se configura como um dos temas centrais na literatura que aborda contextos pós-coloniais, em especial na de autoria feminina, uma vez que, para as mulheres, o silenciamento é reforçado pela opressão de gênero. Nessa perspectiva, a escritora jamaicana Michelle Cliff reivindica em seus textos de ficção e ensaios a importância do resgate das histórias das mulheres racializadas na desconstrução de identidades forjadas pelo discurso colonialista e patriarcal. Seus dois primeiros romances, *Abeng* e *No Telephone to Heaven*, remontam esse processo de desconstrução por meio da trajetória de amadurecimento político da personagem Clare Savage. Assim, este artigo busca analisar esse processo de re-existência da personagem em articulação com questões teóricas e críticas propostas por estudiosas e estudiosos de gênero, pós-colonialismo e decolonialismo.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Identidades. Michelle Cliff. Revisionismo. Resistência.

Introdução

“Put simply, Jamaica is a place halfway between Africa and England, although historically one culture has been esteemed and the other denigrated (both of these are understatements) — at least among the Afro-Saxons of my childhood. As a child among these people, indeed of these people, I received the message of anglocentrism, of white supremacy, and I internalized it. Even as I suspected its wrongness. As a writer, as a human being, I have had to search for what was lost to me from the darker side, and for what has been hidden, to be dredged from memory and dream.”¹

Michelle Cliff (2008b, p. vii)

* Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL – Departamento de Letras – Alfenas – Minas Gerais – Brasil. 37130-001 – juliana.attie@unifal-mg.edu.br.

¹ “Colocando de forma simples, Jamaica é um lugar no meio do caminho entre a África e a

A busca pela história negada é uma constante nas obras de Michelle Cliff, como observamos em seu ensaio autobiográfico “*Journey into Speech*” (2008b). Além de envolver um processo de (re)identificação pessoal e nacional, essa busca é também símbolo de uma resistência anticolonialista e antipatriarcal que, por meio da desconstrução das metanarrativas eurocêntricas que moldaram a Jamaica, denuncia a configuração das opressões de gênero, raça e classe. Em entrevista a Meryl Schwartz, Cliff (1993, p. 494) observa:

*[...] part of my purpose as a writer of Afro-Caribbean - Indian, African, European - experience and heritage and Western experience and education has been to reject speechlessness, a process which has taken years, and to invent my own peculiar speech, with which to describe my own peculiar self, to draw together everything I am and have been.*²

Michelle Cliff nasceu na Jamaica, em 1946, ainda quando o país era uma colônia britânica, e teve sua formação dividida entre sua terra natal, Estados Unidos e Inglaterra. Na idade adulta, ela acabou por se instalar definitivamente nos Estados Unidos, onde trabalhou como professora e desenvolveu sua carreira como escritora. Especialmente por ser uma mulher de pele clara, durante toda sua formação, ela foi ensinada a rejeitar sua existência “*colored*”; apenas após a defesa de sua dissertação de mestrado, na Inglaterra, sobre o renascimento italiano é que ela decidiu investigar as implicações de sua formação anglocêntrica.

Essa decisão se deveu, até certo ponto, a seu envolvimento com os movimentos feministas, que, na época, começavam a estender seu escopo a questões identitárias de mulheres racializadas e a pautas LGBT. Nesse momento, “[...] *she had begun trying to use language to represent herself, and she discovered that in internalizing colonialist ideology, she had lost access to crucial parts of her identity.*”³ (SCHWARTZ, 1993, p. 494). Sua primeira obra, *Claiming an identity they taught me to despise*, descrito pela autora como algo entre prosa e poesia e publicado

Inglaterra, ainda que historicamente uma cultura é exaltada enquanto a outra, rebaixada (para usar eufemismos) – ao menos entre os Afro-saxões da minha infância. Quando eu era criança entre essas pessoas, na verdade dessas pessoas, eu recebi a mensagem do anglocentrismo, da supremacia branca, e internalizei. Mesmo que suspeitasse que isso estivesse errado. Como escritora e como ser humano, eu tive que procurar pelo que se perdeu de mim do lado mais escuro e pelo que foi escondido, para ser tragado da memória e do sonho.” (Tradução nossa)

² “[...] parte do meu propósito como uma escritora de experiência e herança afro-caribenha – indígena, africana, europeia – e de experiência e formação ocidental tem sido rejeitar o silenciamento, um processo que levou anos, e inventar meu discurso próprio, com o qual eu posso descrever meu eu particular, unificar tudo o que eu sou e fui.” (Tradução nossa)

³ “[...] ela havia começado a tentar usar a linguagem para se representar e descobriu que, ao internalizar a ideologia colonialista, ela havia perdido acesso a partes cruciais de sua identidade.” (Tradução nossa)

em 1980, volta-se para a busca do eu por meio da representação da memória, dos sonhos e da história. Essa investigação, como já apontamos, coloca-se como o centro de sua produção, ainda que se apresente de maneiras diversas.

Tais diferentes modos de representação são apontados por Cliff na entrevista para Schwartz (1993) como uma espécie de mudança de foco em sua (re)identificação como mulher caribenha. Se em seus primeiros romances, *Abeng* e *No Telephone to Heaven*, o foco era recuperar suas raízes ao mesmo tempo que remontava as raízes de sua nação, em *Free Enterprise* (2004), publicado em 1993, resgata a figura histórica Mary Ellen Pleasant, ex-escravizada que se tornou uma empreendedora nos Estados Unidos e atuou na luta abolicionista desse país. A história de Pleasant se articula com a personagem fictícia Annie Christmas, mulher jamaicana escravizada que fugiu das plantações para os Estados Unidos, onde vive em contato com uma comunidade de leprosos que, na verdade, é um esconderijo de refugiados políticos oriundos de diversos países. Assim, o ponto central é a resistência racial e de gênero evidenciada por meio das perspectivas de personagens de diferentes origens e que sofrem diferentes opressões.

Nesse mesmo sentido, ao ser indagada se ela se coloca em uma comunidade caribenha de escritoras, Cliff vai além e se insere em uma categoria de romancistas políticas, unidas pelo que ela chama de “entusiasmos políticos”, pois acredita que, apesar das diferentes origens, os propósitos são os mesmos: a resistência anticolonial e antipatriarcal. Ela acrescenta que, como uma mulher que se formou entre Jamaica, Estados Unidos e Inglaterra, é impossível partir apenas de um lugar em sua escrita.

Outro ponto interessante, no que tange à relação de Cliff com a Jamaica, é a ambiguidade de sentimentos que sente em relação ao país: “*I and Jamaica is who I am. No matter how far I travel - how deep the ambivalence I feel about ever returning*” (CLIFF, 2008a, p. 31)⁴. Para a autora, tais ambivalências são impossíveis de se desconstruir e constituem sua identidade. Elas indicam ainda a descrença da autora em profundas mudanças nas estruturas sociais, culturais e políticas forjadas não apenas pelo colonialismo, mas também, mais contemporaneamente, pelo neocolonialismo estadunidense.

Tais ambivalências se mostram presentes no processo de autoconsciência e consciência política da personagem Clare Savage, protagonista de *Abeng*, publicado em 1984, e *No Telephone to Heaven*, de 1987. Embora a autora já tenha apontado que as obras foram pensadas separadamente, elas se formam em continuação, pois ambas narram o resgate da história da família Savage, a partir da perspectiva da protagonista, e a transformação desta no sentido de atuar na resistência anticolonialista.

⁴ “Eu e a Jamaica é quem eu sou. Não importa o quão longe eu viaje – quão profunda é a ambivalência que eu sinto sobre retornar.” (Tradução nossa)

A palavra “*Abeng*”, conforme Cliff explica na abertura do livro, é de origem africana e se traduz por “concha”. É um instrumento feito de chifres de animais bovinos e, em um primeiro momento, ele servia para chamar os escravizados para o trabalho nas plantações; posteriormente passa a ser usado na comunicação entre os guerreiros *Maroons*. O romance narra a infância e a pré-adolescência de Clare Savage na Jamaica na década de 50, portanto, quando a ilha ainda era colônia britânica. Sua mãe, Kitty, descende de escravizados. Já seu pai, Boy Savage, vem de uma família da elite jamaicana, proprietário de terras, e tem a pele clara, assim como Clare, que, por esse motivo, é criada para pertencer a essa elite.

É apenas nas visitas à casa da avó materna, Miss Mattie, que ela entra em contato com suas raízes africanas, especialmente pela amizade com Zoe, menina preta e pobre que mora com a mãe nas terras da avó. É com Zoe que ela reconhece seus privilégios e começa a questionar as questões raciais que envolvem sua existência. Além disso, Zoe é seu primeiro amor, ainda que Clare não reconheça por ter internalizado que sentimentos amorosos ou sexuais por pessoas do mesmo sexo se trata de anomalias.

Se em *Abeng* Clare atua como uma observadora e percebemos a trajetória de sua conscientização, em *No Telephone to Heaven*, ela se torna ativa na resistência anticolonialista. A expressão que compõe o título remete à ideia daqueles que estão afastados de Deus – o Deus cristão forjado pelo colonialismo – e, desse modo, não têm sua proteção. O romance se passa na década de 70 na Jamaica já independente, mas em um contexto bastante violento de revoltas populares do governo de Michael Manley. A obra se inicia com Clare dentro de um caminhão, com seus companheiros da guerrilha de resistência, rumo ao local onde se dá um conflito que finaliza o romance. Entremeadas a esse caminho, uma segunda narrativa percorre a memória de Clare desde a adolescência, quando se muda com a família para os Estados Unidos, depois para Londres, onde completa seus estudos universitários, e, por fim, de volta à Jamaica. Nesse processo, surgem personagens que transformam a vida de Clare, como Harry/Harriet, mulher transexual que passa a ser sua melhor amiga e que chama Clare à consciência política.

Assim, as memórias pessoais e familiares de Clare funcionam como um espelho do passado colonialista na Jamaica. É essa função de espelhamento que visamos destacar neste artigo com a análise dos dois romances e, em especial, das questões que envolvem o processo de conscientização da personagem Clare, que culmina na sua atuação na guerrilha de resistência. Paralelamente a esse processo, trataremos a figura histórica de Nanny, a rainha dos *Maroons*, que funciona como um símbolo da resistência jamaicana.

(Re)visão, (re)escrita e (re)existência

Tal como outras escritoras caribenhas, ou, para usar a denominação de Cliff, escritoras com entusiasmos políticos semelhantes em relação à resistência anticolonialista, a autora coloca em suas obras muito de sua vivência pessoal. No caso de Clare Savage, a semelhança se dá no fato de tanto a personagem quanto a autora possuírem a pele clara e serem de classe média, herdeiras de proprietários de plantações na Jamaica. Nos romances, o processo de conscientização desses privilégios é seguido pelo desejo de entender e questionar, em *Abeng*, e posteriormente lutar diretamente contra as opressões raciais e de classe que constituem a sociedade jamaicana em *No Telephone to Heaven*. Essa trajetória vivida por Clare é também o processo experienciado por Cliff, como dissemos anteriormente, a partir do momento em que entra em contato com movimentos de mulheres que questionam, além do gênero, as intersecções de raça e classe.

Isso não significa que suas obras sejam unicamente autobiográficas. Embora exista essa ligação com as experiências da autora, há uma expansão ficcional que ultrapassa a experiência individual. A forma como Cliff traduz esse movimento em seus textos literários e não literários é por meio da exploração tanto do passado colonial quanto da história mais recente do país, sob uma ótica que questiona as metanarrativas. Estas, segundo Lyotard (2009), são as narrativas-mestras que se encerram em si mesmas e foram construídas como verdades absolutas que justificam propósitos políticos e ideológicos. O filósofo coloca como uma questão chave do pós-modernismo a incredulidade nas narrativas-mestras e que, a partir desse questionamento:

A função narrativa perde seus atores (*functeurs*), os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas *sui generis*. (LYOTARD, 2009, p. xvi)

Dessa forma, o questionamento das narrativas-mestras é uma forma de escancarar que a história, por exemplo, é um discurso formado por atores e estruturas que definem um determinado posicionamento perante a um evento. A essa ideia, Linda Hutcheon, em *Poética do Pós-modernismo* (1991), acrescenta que a separação entre o literário e o histórico, que acontece a partir do século XIX, é contestada pelas teorias do pós-modernismo na medida em que ambas possuem mais pontos convergentes que divergentes:

Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como

construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. (HUTCHEON, 1991, p. 141).

Assim, entendemos que ficção e história são “[...] sistemas culturais de signos, construções ideológicas cuja ideologia inclui sua aparência de autônomas e autossuficientes” (HUTCHEON, 1991, p. 149). A ficção pós-moderna, portanto, sugere que o resgate ou a reescrita do passado significa revelá-lo ao presente em suas diferentes possibilidades e, desse modo, impedir a instalação de um caráter conclusivo e absoluto.

Não pretendemos aqui, todavia, analisar os romances históricos de Cliff a partir da perspectiva pós-modernista. Esse preâmbulo visa elucidar o conceito de narrativas-mestras e expor o caráter discursivo da história e da literatura. Sendo assim, transpondo pensamento de Hutcheon sobre a reescrita do passado para questões específicas da autoria feminina, que é o caso deste artigo, cabe pensarmos no ensaio “Quando da morte acordarmos: a escrita como revisão”, de Adrienne Rich (2017, p. 66). A autora define Re-visão como “o ato de olhar para trás, de ver com um novo olhar, de entrar em um texto a partir de uma nova direção crítica”. O título do ensaio de Rich é inspirado na peça teatral de Ibsen, *When we dead awaken*, que discute a construção da imagem das mulheres em obras de artistas homens e o despertar, lento e carregado de sofrimento, das mulheres sobre a imagem que esses artistas construíram.

Nessa perspectiva, Rich observa que a re-visão é um ato de sobrevivência, uma vez que permite o entendimento das pressuposições que nas mulheres estão enraizadas. Sem o conhecimento das pressuposições, não há o autoconhecimento que, segundo a autora,

[...] é mais do que uma busca de identidade: é parte da nossa recusa de uma sociedade autodestrutiva dominada pelos homens. Uma crítica radical da literatura, feminista em seu impulso, consideraria a obra prioritariamente como um indício de como vivemos, como temos vivido, como temos sido levadas a nos imaginar, como a nossa linguagem tem nos aprisionado ou liberado, como cada ato de nomear – e, portanto, a viver – de uma nova maneira. [...] Precisamos conhecer os escritos do passado e conhecê-los de uma forma diferente daquela em que sempre conhecemos; não passar adiante uma tradição, mas quebrar as correntes que nos prendem a ela. (RICH, 2017, p. 66)

No caso de Michelle Cliff, além que “quebrar as correntes” da tradição do patriarcado, é preciso ainda pensar nas amarras do passado colonial:

To write a complete Caribbean woman, or man for that matter, demands of us retracing the African past of ourselves, reclaiming as our own, and as our subject, a history sunk under the sea, or scattered as potash in the cane fields, or gone to bush, or trapped in a class system notable for its rigidity and absolute dependence on colour stratification. Or a past bleached from our minds. It means finding the art forms of those of our ancestors and speaking in the patois forbidden to us. It means realizing our knowledge will always be wanting. It means also, I think, mixing in the forms taught us by the oppressor, undermining his language and co-opting his style, and turning it to our purpose.”⁵ (CLIFF, 1985, p. 14, grifo nosso)

No trecho grifado, a escolha da palavra “*bleached*” merece atenção. De acordo com o dicionário *Oxford* (FRANKENBERG-GARCIA; NEWSTEAD, 2015, p. 150), o verbo *to bleach* significa “branquear, descolorir, alvejar” ou ainda “limpar, desinfetar”. O uso dessa palavra, em vez de simplesmente “*erased*” (apagado) ou “*silenced*” silenciado, carrega uma força semântica que procura destacar que foram os brancos (europeus) os responsáveis por fazer desaparecer esse passado original e criar uma história a partir do referencial branco ocidental. A passagem reforça ainda a proibição da cultura, do conhecimento e do idioma dos povos nativos e africanos. Diante desse cenário, Cliff coloca como trabalho da escritora e do escritor subverter a lógica do discurso do opressor a favor dos povos subalternizados.

A perspectiva de Cliff vai ao encontro do que propõem os estudos decoloniais ao considerar que

Hence, decolonial thinking and doing aim to delink from the epistemic assumptions common to all the areas of knowledge established in the Western world since the European Renaissance and through the European Enlightenment. Re-existence follows up on delinking: re-existence means the sustained effort to reorient our human communal praxis of living.”⁶ (MIGNOLO, 2018, p. 106)

⁵ “Escrever como uma mulher caribenha completa, ou como um homem, requer que tracemos nosso próprio passado africano e que tenhamos como nosso próprio assunto a história afundada no oceano, ou espalhada como potassa nas plantações de cana de açúcar, ou aprisionada em um sistema de classes notório por sua rigidez e dependência absoluta na estratificação por cor. Ou um passado embranquecido de nossas mentes. Significa encontrar as formas artísticas dos nossos ancestrais e falar o patoá proibido para nós. Significa perceber que nosso conhecimento está sempre em busca de mais. Significa também, eu acho, imergir nas formas que nos foram ensinadas pelo opressor, minando sua linguagem, cooptando seu estilo e transformando isso em nosso propósito.” (Tradução nossa)

⁶ “Portanto, o fazer e o pensar decoloniais visam à desvinculação das pressuposições epistêmicas, comuns a todas as áreas do conhecimento estabelecidas pelo mundo ocidental desde a Renascença europeia e ao longo do Iluminismo europeu. O Re-existir acompanha o desvincular: re-existência significa o esforço empreendido para reorientar nossa práxis humana comunal” (Tradução nossa)

É preciso, portanto, desvincular-se do pensamento e do conhecimento ocidental para que ocorra a re-existência. Mas essa desvinculação deve ser feita tendo em mente o que as narrativas-mestras – denominadas por Mignolo (2018) de macronarrativas – construíram por mais de 500 anos como existência dos povos colonizados. Segundo o autor, enquanto, para os descendentes de europeus que se instalaram na América do Sul e no Caribe, a existência começa por volta de 1500 e se constituiu como um marco civilizatório e heroico, para os nativos e os escravizados foi o início de uma série de “[...] *historical crimes justified by the narratives of modernity – salvation, progress, development*”⁷ (MIGNOLO, 2018, p. 107).

Mignolo (2018) atenta para o fato de que o termo modernidade, embora conceituado na segunda metade do século XX, remonta a períodos anteriores, em que se “disfarçava” de renascimento, progresso e missão civilizatória. Para os estudos decoloniais, a modernidade é uma ficção “[...] *made by actors, institutions, and languages that benefit those who built the imaginary and sustain it, through knowledge and war, military and financial means*”⁸ (MIGNOLO, 2018, p.110).

Nesse sentido, o pensamento decolonial envolve o entendimento do passado para falar sobre o presente; é preciso compreender do que se deve desvincular e como. É uma luta dentro da própria matriz colonial de poder, conceito estabelecido pelo sociólogo Aníbal Quijano e desenvolvido também por Mignolo. É a matriz colonial de poder que define inclusive o que é humano e, a partir dessa conceituação, justifica as diversas opressões coloniais. Gênero, raça e natureza são os três pilares da matriz colonial na perspectiva de Mignolo. Trataremos aqui dos dois primeiros termos com vistas a elucidar questões que surgirão na análise dos romances em estudo.

Tanto as mulheres quanto os negros e indígenas são considerados pelo discurso colonialista como seres inferiores – daí a narrativa de salvação e civilização. A raiz dessa afirmação, segundo Mignolo, encontra-se na própria constituição do conceito de “humano”, que, como ele observa, é uma invenção da modernidade pautada na Bíblia. Aqueles seres que, conforme o cristianismo naquele tempo, não “existiam” aos olhos de Deus, pois não tinham religião – isto é, não eram cristãos –, como os povos africanos e indígenas, são considerados seres inferiores. Nessa mesma lógica, é papel das mulheres serem submissas aos homens. De acordo com o estudioso argentino, no Novo Mundo, o racismo agravou o sexismo, fator já estabelecido no cristianismo ocidental, o que pode ser observado na dinâmica de perseguição às mulheres consideradas bruxas na América:

⁷ “[...] crimes históricos justificados pelas narrativas da modernidade – salvação, progresso, desenvolvimento.” (Tradução nossa)

⁸ “[...] feita por atores, instituições e linguagens que beneficiam aqueles que construíram o imaginário e o sustentam por meio do conhecimento e da guerra, meios militares e financeiros.” (Tradução nossa)

*If witches continued to be targeted in the New World, a significant difference in their categorization could not have gone unnoticed. Witches in Europe belonged to the same cosmology as women. The difference between the ideas of women and witches lay in the behavior Man attributed to them: the former complaisant, the latter disobedient. In the New World, however, neither Indian women nor African women belonged in the same cosmology as European women. Indian and African women were not properly considered women by Christian men, so that the women versus witches opposition that applied in Europe did not pertain in the New World: Indian and African females could be witches, but they could never be women.*⁹ (MIGNOLO, 2018, p. 159)

Essa associação da mulher à bruxaria é discutida ainda por Federici em *O Calibã e a Bruxa* (2017). Por terem sido “[...] fonte de resistência anticolonial e anticapitalista durante mais de quinhentos anos.” (FEDERICI, 2017, p. 382), as mulheres se tornaram o principal alvo da perseguição religiosa. O cristianismo, em sua missão civilizatória, via-se ameaçado ainda pela existência de importantes divindades femininas nas sociedades pré-colombianas, o que indicava a posição e o poder que essas mulheres ocupavam:

Antes da Conquista, as mulheres americanas tinham suas próprias organizações, suas esferas de atividade eram reconhecidas socialmente e, embora não fossem iguais aos homens, eram consideradas complementares a eles quanto a sua contribuição na família e na sociedade.” (FEDERICI, 2017, p. 401)

A história dessas mulheres anteriores à Conquista, quando apagadas, legitimam o discurso de que as mulheres que se rebelam, até contemporaneamente, são mais perigosas do que os homens, pois estão infringindo duas instituições: o poder racial e patriarcal. Michelle Cliff, em suas obras, busca trazer para a narrativa a história de mulheres não apenas como um resgate histórico, mas também como mola propulsora para re-identificações e resistências.

“Quem são essas Santas? Essas mulheres loucas, malucas, dignas de pena?”

No ensaio “*In search of our mother’s garden*”, a escritora estadunidense Alice Walker discorre sobre a busca pela história de mulheres afro-americanas cujo

⁹ “Se as bruxas no Novo Mundo continuavam a ser perseguidas, uma diferença significativa em sua categorização não poderia ter passado despercebida. Bruxas na Europa pertenciam à mesma cosmologia de mulheres. As diferenças entre as ideias de mulheres e bruxas estavam no comportamento que os homens atribuíam a elas: a primeira complacente, a segunda desobediente. No Novo Mundo, entretanto, nem as mulheres indígenas, nem as africanas pertenciam à mesma cosmologia das mulheres europeias. Mulheres indígenas e africanas poderiam ser bruxas, mas jamais poderiam ser mulheres.” (Tradução nossa)

talento e força espiritual foram massacrados pelas forças opressoras do racismo e do sexismo. Retratadas como loucas pelo pensamento ocidental, essas mulheres representam uma forma de resistência ao sistema que procura subalternizá-las:

These crazy Saints stared out at the world, wildly, like lunatics or quietly, like suicides; and the “God” that was in their gaze was as mute as a great stone. Who were these Saints? These crazy, loony, pitiful women?

Some of them, without a doubt, were our mothers and grandmothers. (WALKER, 1994, p. 401, grifo nosso)¹⁰

De forma semelhante, Cliff traz a história dessas mulheres – anônimas e figuras históricas – em seus romances e ensaios. Como observa Hoving (2014), após conhecer a obra *Our Sister Killjoy*, da escritora ganense Ama Ata Aidoo, a escritora jamaicana se vê confrontada com uma espécie de “produtividade de ira”, a qual tem seu ponto de partida em no ensaio “*If I could write this in fire, I would write this in fire*”, publicado em 1982: “*This was the starting point of her lifelong project of recovering the forgotten histories of (black) women’s resistance.*”¹¹ (HOVING, 2014, p. 27).

Em ambos os romances em análise neste artigo, muito do que Cliff escreve sobre as questões raciais na Jamaica, especialmente sobre os *Maroons*, deve-se ao romance *Tell my horse*, da escritora e antropóloga estadunidense de Zora Neale Hurston. Os *Maroons* são os povos africanos e seus descendentes que lutaram contra a escravidão e se refugiaram em lugares remotos da ilha – semelhante aos quilombolas no Brasil: “*Their name came from cimarron: unruly, runaway. A word first given to cattle which had taken to the hills. Beyond its exact meaning, the word connoted fierce, wild, unbroken*”¹² (CLIFF, 1984, p. 20). Em *Abeng*, ao narrar o processo de descoberta das dinâmicas raciais e de gênero na trajetória da personagem Clare Savage, Cliff reconstrói a história de mulheres rebeldes, como Nanny, mulher *obeah* do século XVIII e líder dos *Maroons*. O conhecimento da história dessas mulheres é que serve como agente de conscientização de Clare, que, se em *Abeng* limita-se a uma posição de observadora, em *No Telephone to*

¹⁰ “Essas Santas loucas lançadas ao mundo, selvagemmente, como lunáticas ou, silenciosamente, como suicidas; e o “Deus” que estavam em seu olhar estava mudo como uma grande pedra. **Quem são essas Santas? Essas mulheres loucas, malucas, dignas de pena?** Algumas delas, sem dúvida, eram nossas mães e avós.” (Grifo nosso, tradução nossa)

¹¹ “Esse foi o ponto de partida para o seu projeto de vida de recuperar as histórias esquecidas da resistência de mulheres (negras).” (Tradução nossa)

¹² “Seu nome vem de *cimarron*: indisciplinado, fugitivo. Uma palavra usada inicialmente para o gado que havia escapado para as montanhas. Para além do seu significado exato, a palavra tem a conotação de feroz, selvagem, intacto.” (Tradução nossa)

Heaven, tem uma posição ativa como guerrilheira armada durante os conflitos que aconteceram na Jamaica na década de 70.

Como observa Lélia Gonzalez (2020), Nanny é um dos grandes pilares da Amefricanidade, conceito criado pela estudiosa para designar

[...] todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (resistência, acomodação, reinterpretação, criação de novas formas) referenciada em modelos africanos e que remete à construção de toda uma identidade étnica [...]. Seu valor metodológico, a nosso ver, está no fato de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que formaram uma determinada parte do mundo. Em consequência, o termo amefricanas/amefricanos nomeia a descendência não só dos africanos “gentilmente” trazidos pelo tráfico negreiro como daqueles chegados à América antes de seu “descobrimento” por Cristóvão Colombo. (GONZALEZ, 2020, p. 152)

Amefricanidade, assim como a práxis decolonial já discutida neste artigo, mina o discurso colonial por meio da reivindicação histórica a partir da visão daqueles que de fato “são” a América, os africanos escravizados e os povos nativos. Gonzalez (2020, p. 154), ao considerar que Nanny transcendeu a imagem de líder dos *Maroons* e “transformou-se em ancestral mítica originária”, rechaça a retórica da modernidade que justifica a colonização com o discurso de salvação e progresso, uma vez que Nanny representa a autonomia, o poder e a luta amefricanos.

A história de Nanny aparece pela primeira vez em *Abeng* após a descrição de uma cena em que Clare ajuda a avó, Miss Mattie, a preparar a casa para receber a congregação de que a avó fazia parte. Essa preparação é descrita como um ritual entre “a feiticeira e sua aprendiz”, mesmo que não haja nada de sobrenatural no processo. Durante a narrativa, as lembranças da bisavó de Clare, Granny, surgem ligadas ao espaço da casa, marcando a relação daquelas mulheres com a terra que habitam. Assim que termina de ajudar a avó com os preparativos, Clare sai para brincar com sua amiga Zoe, e a narrativa é cortada para contar um trecho da história de Nanny:

In 1733, Nanny, the sorceress, the obeah woman, was killed by a quashee – a slave faithful to the white planters – at the height of the War of the Maroons.

Nanny, who could catch a bullet between her buttocks and render the bullet harmless, was from the Empire of Ashanti, and carried her secrets of the magic into slavery. She prepared amulets and oaths for her armies. Her Nanny Town, hidden in the crevices of the Blue Mountains was the headquarters of the Windward Maroons – who held out against forces of the white man longer than any rebel troops. They waged war from 1655-1740. Nanny was the magician

of this revolution – she used her skill to unite her people and to consecrate her battles.

*There is absolutely no doubt that she actually existed. And the ruins of her Nanny Town remain difficult to reach.*¹³ (CLIFF, 1984, p. 14-15)

Entre lendas, como agarrar as balas com suas nádegas, e eventos reais, Nanny é reconhecida na história atual como a única heroína (e herói) nacional da Jamaica. Esse reconhecimento, no entanto, só acontece oficialmente em 1975. Durante muito tempo, sua história ficou desconhecida e seu nome foi até usado de maneira condescendente na Jamaica para se referir a mulheres que cuidavam de crianças. A narração de eventos relativos à vida de Nanny, em *Abeng*, acontece entre partes que falam sobre a pregação da congregação cristã de John Knox, que se preocupava em domar os nativos e escravizados por meio da repressão de seu passado e suas raízes culturais e religiosas.

Essa estratégia de Cliff deixa evidente o uso da religião pelos colonizadores como justificativa para o massacre e apagamento dos povos racializados e, portanto, menos humanos, como vimos, no tópico anterior, nas palavras de Mignolo (2018). O resgate dessa história é um ato de resistência anticolonial ao desmitificar a ideia de que mulheres, especialmente as negras, só serviriam como cuidadoras de crianças ou escravizadas nas plantações ou nas casas dos proprietários de terras. *Abeng* recria o mito de origem da Jamaica ao traçar essa ancestralidade à Nanny e sua irmã: “*In the beginning there had been two Sisters – Nanny and Sekesu, Nanny fled slavery. Seseke remained a slave. Some said this was the difference between the sisters. It was believed that all island children were descended from one or the other.*”¹⁴ (CLIFF, 1984, p. 18).

Essa diferença é colocada em paralelo ao que Cliff narra no capítulo que se segue a essa citação sobre como os membros da congregação religiosa, *Tabernacle*, e a população de uma forma geral tratam a herança africana e a história da escravização:

¹³ “Em 1773, Nanny, a feiticeira, a mulher obeah, foi morta por um *quashee*, um escravo fiel aos donos de plantações brancos – no ápice da Guerra dos *Maroons*. Nanny, que podia agarrar uma bala entre as nádegas e rendê-las de forma inofensiva, era do Império Ashanti, e levou seus segredos de feitiçaria quando escravizada. Ela preparava amuletos e promessas para seus exércitos. Sua Nanny Town, escondida nas fendas das Blue Mountains era a sede dos *Windward Maroons* - que resistiram às forças do homem branco por mais tempo que qualquer outra tropa rebelde. Eles guerrearam de 1655-1740. Nanny era a feiticeira dessa revolução. Ela usou suas habilidades para unir seu povo e consagrar as batalhas. Não há nenhuma dúvida de que ela existiu de fato. E as ruínas de sua Nanny Town continuam difíceis de acessar.” (Tradução nossa)

¹⁴ “No início havia duas Irmãs – Nanny e Seseke. Nanny fugiu da escravização. Seseke continuou escravizada. Alguns dizem que essa é a diferença entre as irmãs. Acredita-se que todos os filhos da ilha descenderam de uma ou de outra.” (Tradução nossa)

*The people in the Tabernacle could trace their bloodline back to past. But this was not something they talked about much, or knew much about. In school they were told their ancestors had been pagan. That there had been slaves in Africa, where black people had put each other in chains.*¹⁵ (CLIFF, 1984, p. 18)

Ao fazer esse paralelo, a narrativa ressalta a herança de Nanny, aqueles que lutam, e de Seseku, aqueles que se rendem ao colonizador branco, principalmente por relatar, em seguida, um pouco da história da escravização na Jamaica, em especial quando o líder *Maroon*, Cudjoe, entregou Nanny e seus aliados aos ingleses em troca de liberdade e da promessa de que iria caçar os rebeldes para a coroa inglesa. Cudjoe e seus seguidores ficaram conhecidos como “*King’s negroes*”.

Já em *No Telephone to Heaven*, Nanny ressurgue não apenas como um resgate histórico, como acontece em *Abeng*; seu espírito guerreiro e de resistência parece ser incorporado à “nova” Clare Savage. De volta à Jamaica e trabalhando como professora, Clare não só entra para a resistência armada, como também utiliza as terras de sua avó, que agora lhe pertencem, para abrigar a comunidade de guerrilheiros. A década de 70, na Jamaica, foi um período de extrema violência por conta dos conflitos travados entre apoiadores do primeiro-ministro eleito, Michael Manley (Partido Nacional Popular), e seu opositor, Edward Seaga (Partido Trabalhista da Jamaica). Havia ainda, nesse conflito, os interesses internacionais, especialmente dos Estados Unidos, que atuavam contra a soberania popular.

Vale destacar que, na narração das memórias de Clare em *No Telephone to Heaven*, entre os elementos do cotidiano que remontam racismo, como o fato de a mãe não conseguir trabalho por ser negra nos Estados Unidos e diversas outras situações de preconceito, outros eventos históricos envolvendo a questão racial são apresentados. Dentre eles, destacam-se a segregação racial promovida pelas leis Jim Crow no sul dos Estados Unidos, os crescentes protestos na Inglaterra na década de 70, que buscavam expulsar os negros do país, e a forma como os afro-americanos experienciaram a guerra do Vietnã. A narração desses eventos é parte da representação da formação da consciência política de Clare.

Ademais, o capítulo anterior ao que narra a volta de Clare à Jamaica, chamado “*Magnanimous warrior*”, é uma espécie de elegia à Nanny. Em apenas duas páginas, ainda que seu nome não seja pronunciado, seus feitos são celebrados e sua coragem louvada: “*Rambling mother, Mother who trumps and wheels counterclockwise around the power stone, the center of the world. Into whose cauldron the Red Coats*

¹⁵ “As pessoas na Tabernacle poderiam traçar sua linhagem sanguínea ao passado. Mas isso não era algo sobre que eles falavam muito, ou tinham muito conhecimento. Na escola, eles aprenderam que seus ancestrais haviam sido pagãos. Que existiram escravos na África, onde as pessoas pretas acorrentavam umas às outras.” (Tradução nossa)

*vanished*¹⁶ (CLIFF, 1996, p. 164). Nanny se torna uma figura mítica e, portanto, viva na memória dos que lutam contra a opressão do povo negro.

Todavia, o destino de Clare acaba se unindo ao de Nanny não apenas no espírito de resistência, mas também em um evento trágico. A figura do *quashee*, o delator, aparece também na vida da protagonista. Christopher é uma personagem que não chega a ter nenhum encontro direto com Clare, mas cujas ações se encontram em determinados momentos. Um deles é quando Christopher mata toda a família para quem ele trabalhava, mas que o humilhava constantemente. Um dos membros dessa família é Paul H., rapaz com quem Clare tem relações sexuais em uma festa enquanto visitava os tios no Natal. Enquanto Christopher matava seus pais, irmã e a empregada, Paul estava nessa festa e, ao chegar no dia seguinte e encontrar toda a família morta, pede que o próprio Christopher o ajude a sumir com os corpos para evitar a investigação da polícia. Sem desconfiar do rapaz, quando Paul fica de costas para que Christopher o acompanhe, este o acerta com a machete, completando seu trabalho.

Em seguida, Christopher volta para seu local de nascimento, Dungle, um bairro de pessoas em situação de rua e onde o lixo da cidade era depositado. Continuando sua vida de infortúnios, passa a ser conhecido como “Watchman” e se torna uma pessoa que faria qualquer coisa por dinheiro. Ele que, na infância, foi chamado de “o portador de Cristo” por conta do significado se seu nome, tem sua alma esvaziada por toda violência e opressão que o acompanhou desde criança. Ele ressurge no final da narrativa para fazer um papel de monstro no filme de um grupo de americanos. Sua função era apenas uivar em cima de uma árvore: “*Howl! Howl! I want you to bellow as loud as you can. Try to wake the dead... Remember, you’re not human. Action!*”¹⁷ (CLIFF, 1996, p. 207).

O grupo que estava organizando o filme seria o alvo do ataque da guerrilha de Clare. O grito de Christopher, no entanto, confunde os guerrilheiros que esperavam pelo som do *Abeng*. Nesse momento, a equipe do filme se esconde e faz um brinde, pois já sabe o que vai acontecer:

Those hidden in the bush could do so little but listen to the chaos of the forest god, until a new sound drowned him out. And lights came over them from above. Who had been the quashee? Some asked. Lights played and skidded across their hiding places as helicopters spun into the valley. Lights sliding over, guns hot. Spraying their breadfruit tree. Sasabonsam fell, silent. Spraying across the bushes.

¹⁶ “Mãe errante, mãe que triunfa e se move em sentido anti-horário em volta da pedra do poder, o centro do mundo. Dentro do seu caldeirão, os *Red Coats* desapareceram.” (Tradução nossa)

¹⁷ “Uive! Uive! Eu quero que você berre o mais alto que puder. Tente acordar os mortos... Lembre-se, você não é humano. Ação!” (Tradução nossa)

*Some returned the fire – but where no match for the invaders. Some could not – surprise and sadness held them still. Shots found the bitter bush.*¹⁸ (CLIFF, 1984, p. 207-208)

Clare cumpre o destino de Nanny sendo morta em suas terras por traição de um *quashee*. A narrativa não deixa explícito se foi Christopher quem delatou os guerrilheiros, mas a repetida afirmativa de que o “Watchman” faria qualquer coisa por dinheiro deixa isso implícito. Além disso, é seu uivo o sinal para as forças repressoras atacarem. Então, de uma forma ou de outra, ele serviu como o meio para a repressão dos guerrilheiros.

É bastante significativo ainda a junção do corpo de Clare com o solo de sua terra natal não só no momento de sua morte, mas também quando ela usa a fazenda de sua avó como acampamento para os guerrilheiros. Além do acampamento, o cultivo da fazenda também servia como doação para aqueles que precisassem de comida, honrando, mais uma vez, a memória de sua família por parte de mãe, que era conhecida pela generosidade e acolhida dos mais necessitados, ponto crucial que Clare deixa claro quando cede a terra para a guerrilha.

Além disso, em *Abeng*, a menção de que Nanny Town está em ruínas ecoa na forma como é descrita a fazenda de Miss Mattie logo no início de *No Telephone to Heaven*, no capítulo denominado “*Ruinat*”, explicado em nota da autora como um termo usado na Jamaica para terras antes usadas na agricultura que, depois de abandonadas, se tornam um amontoado de mato.

Essa identificação com sua linhagem materna acontece apenas quando Clare adulta volta para a Jamaica. Por ter a pele clara, ela foi muito tempo relacionada à família do pai e rivalizada pelos próprios familiares em relação aos ancestrais africanos. A própria mãe de Clare reforça essa identificação ao escolher levar a filha mais nova, de pele escura, de volta para a Jamaica quando decide deixar Boy. Ao passo que a consciência política e racial de Clare se desenvolve, ela passa a se reconhecer como a descendente da linhagem materna, conseqüentemente da linhagem dos que lutam contra a opressão dos brancos, a linhagem de Nanny.

¹⁸ “Aqueles escondidos no matagal só puderam ouvir o caos do deus da floresta, até que um novo som o sufocou. E luzes chegaram a eles do céu. Quem teria sido o *quashee*? Alguns perguntaram. As luzes deslizaram em sobre seus esconderijos como helicópteros girando para dentro do vale. As luzes invadindo, armas a todo vapor. Pulverizando a árvore de fruta-pão. Sasabonsam caiu, silencioso. Pulverizando pelo matagal. Alguns contra-atacaram com tiros – mas não eram páreo para os invasores. Alguns não conseguiram reagir – surpresa e tristeza os paralisaram. Tiros encontraram a moita amarga.” (Tradução nossa)

Considerações finais

Ao coincidir o despertar para si e a aquisição de consciência política de Clare com o conhecimento de sua história familiar e da história de resistência africana de seu país, Cliff chama a atenção para a necessidade de se revelar o passado que foi escondido, silenciado, como a autora explica em “*If I could write this in fire, I would write this in fire*”:

It was never a question of passing. It was a question of hiding. Behind Black and white perceptions of who we were — who they thought we were. Tropics. Plantations. Calypso. Cricket. We were the people with the musical voices and the coronation mugs on our parlor tables. I would be whatever figurine these foreign imaginations cared for me to be. It would be so simple to let others fill in for me. [...] A life cut off. I know who I am but you will never know who I am. I may in fact lose touch with who I am.

*I hid from my true sources. But my true sources were also hidden from me.*¹⁹
(CLIFF, 2008a, p. 25).

Os estereótipos construídos pelo colonizador se baseiam naquilo que favorece os interesses da metrópole, tanto no sentido de dominar esse outro colonizado, subalternizado, quanto no sentido de tornar o país “atrativo” ao turismo, questão também presente no romance, embora não discutida neste artigo. Cliff, portanto, concentra sua força literária no ato de rechaçar o discurso colonialista e na construção de uma resistência historiográfica, especialmente no que tange à vida e às experiências de mulheres, sejam elas figuras comuns ou históricas.

Como observa Mignolo (2018), a retórica da modernidade se constrói em pares opostos: cristãos e não cristãos – ou humanos e não humanos –, masculino e feminino, branco e não branco, desenvolvido e não desenvolvido, entre outros. Nessa organização, o segundo elemento de cada par é criado a partir dos interesses do primeiro. Ao questionar e até mesmo inverter essa ordem, as obras de Cliff podem ser analisadas dentro do pensamento decolonial, de acordo com o que Mignolo (2008) postula ao abordar a necessidade de quebra de vínculo com as macronarrativas.

¹⁹ “Nunca foi uma questão de passar. Era uma questão de esconder. Por trás das percepções pretas e brancas sobre quem nós éramos – quem eles achavam que nós éramos. Trópicos. Plantações. Calipso. Críquete. Nós éramos as pessoas com as vozes musicais e canecas da coroação da rainha em nossas mesas. Eu seria qualquer figurino que as imaginações estrangeiras quisessem para mim. Seria muito simples deixar outros me substituírem. [...] Uma vida interrompida. Eu sei quem eu sou, mas nunca saberei quem eu sou. Eu posso, de fato, perder contato com quem eu sou. Eu me escondi das minhas verdadeiras raízes. Mas minhas verdadeiras raízes também foram escondidas de mim.” (Tradução nossa)

Além disso, é importante destacar que o final trágico da jornada de Clare nas colinas como uma guerrilheira armada em *No Telephone to Heaven* revela a posição descrente de Cliff, explicitada na entrevista concedida a Schwartz (1993), de que as forças opressoras poderiam mudar na Jamaica. Para a autora, essa impossibilidade se deve não apenas à história da colonização, mas também ao neocolonialismo. Em outras palavras, um final conciliador para Clare seria uma forma ingênua e apolítica de tratar os traumas e feridas da colonização jamaicana.

ATTIE, J. P. (Re)vision as (re)existence in Michelle Cliff's *Abeng* and *No Telephone to Heaven*. **Itinerários**, Araraquara, n. 52, p.15-32, jan./jun. 2021.

■ **ABSTRACT:** *The act of rescuing stories silenced by the colonialist discourse is at the core of the literature of postcolonial context, especially in women's writing, since the silencing is reinforced by gender oppression. From this standpoint, Michelle Cliff claims in her fictional texts and essays the importance of rescuing stories of women of color in order to dismantle identities forged by the colonialist and patriarchal discourse. Her first two novels, *Abeng* and *No telephone to heaven*, recreate this process of deconstruction by portraying Clare Savage's path of political growth. Thus, this article seeks to analyze the character's process of re-existence of articulating it to theory and criticism about gender, postcolonialism, and decolonialism.*

■ **KEYWORDS:** *Identities. Michelle Cliff. Revisionism. Resistance.*

REFERÊNCIAS

CLIFF, Michelle. **Abeng**. New York: Plume Book, 1984.

CLIFF, Michelle. An Interview with Michelle Cliff. [Entrevista concedida a] Meryl Schwartz. **Contemporary Literature**. University of Wisconsin Press, v. 34, n. 4, p. 595-619, 1993.

CLIFF, Michelle. **Free Enterprise: A Novel of Mary Ellen Pleasant**. San Francisco: City Light Publishers, 2004.

CLIFF, Michelle. If I could write this in fire, I would write this in fire. *In*: CLIFF, Michelle. **If I could write this in fire**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008a. p. 9-32.

CLIFF, Michelle. Journey into speech. *In*: CLIFF, Michelle. **If I could write this in fire**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008b. p. vii.

CLIFF, Michelle. **No Telephone to Heaven**. New York: Plume Book, 1996.

CLIFF, Michelle. **The Land of Look Behind**: Prose and Poetry. New York: Firebrand Books, 1985.

FEDERICI, Sílvia. **O Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRANKENBERG-GARCIA, Ana; NEWSTEAD, Helen. (Eds). **Oxford Dictionary – English Portuguese – Portuguese English**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

GONZALEZ, Lélia. Nanny, o pilar da Amefricanidade. In: GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2020.

HOVING, Isabel. Michelle Cliff. In: BUCKNOR, Michael A.; DONNELL, Alison. (Eds). **The Routledge Companion to Anglophone Caribbean Literature**. London, New York: Routledge, 2014. p. 27-33.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009.

MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine. **On Decoloniality**: concepts, analytics, praxis. Durham (N.C.): Duke University Press, 2018.

RICH, Adrienne. Quando da morte acordarmos. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli. **Traduções da Cultura**: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. p. 64-84.

SCHWARTZ, Meryl. Apresentação. In: CLIFF, Michelle. An Interview with Michelle Cliff. [Entrevista concedida a] Meryl Schwartz. **Contemporary Literature**. University of Wisconsin Press, v. 34, n. 4, p. 595-619, 1993.

WALKER, Alice. In Search of Our Mothers' Gardens. In: MITCHELL, Angelyn. **Within the Circle**: An Anthology of African American Literary Criticism from the Harlem Renaissance to the present. Durham and London: Duke University Press, 1994. p. 401-409.

